

Em 1822 é fundado o patrimônio; pouco depois já havia cerca de 100 casas de telhas e de "palha".

O expositor analisa então o crescimento da cidade até os dias atuais, dizendo que ela ocupa 3 níveis — o fundo da várzea, as encostas e o topo dos morros (esporões).

O expositor fala do papel da água na vida da cidade, seja na necessidade do saneamento dos brejos para o crescimento urbano, seja a influência das termas influenciando a função hoteleira e o aparecimento do serviço e da indústria "de turismo" (doces, *souvenirs*).

Mais tarde a indústria seria desenvolvida, aproveitando os recursos da região — bauxita, material radioativo, argila para refratários.

O expositor salienta que não são as águas termais que favorecem o turismo, mas a fama que a cidade tem como centro de veraneio. A cidade é também um centro de serviços especializados, vindo gente das redondezas e Poços de Caldas é um centro regional.

Nos debates participam entre outros, os associados, MARIA TERESINHA SEGADAS SOARES, SULAMITA MACHADO HÄMMERLI, ROBERTO LOBATO A. CORREIA, JOSÉ CEZAR DE MAGALHÃES, ARMEN MAMIGONIAN.

No dia 14, às 9 horas, realizou-se a sessão administrativa.

O presidente apresentou o relatório anual da diretoria em exercício, localizando as verbas concedidas por órgãos oficiais. Formulou um voto de louvor ao secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, tenente-coronel WALDIR DA COSTA GODOLPHIM pelo auxílio que

o IBGE vem dando à Associação dos Geógrafos Brasileiros e a promessa do aumento da verba que esse órgão pretende conceder à AGB.

Fêz os agradecimentos às autoridades de Poços de Caldas e aos membros da diretoria-geral da AGB.

Processou-se depois à eleição da nova diretoria para o período de 1964-1965 sendo eleitos: presidente: LÚCIO DE CASTRO SOARES; secretário: NICE LECOCQ MULLER; tesoureiro: BLAS BULANGA MARTINEZ; comissão consultiva PASQUALE PATRONE; diretor dos anais: DORA AMARANTE ROMARIZ.

Deu-se então a transmissão do cargo da presidência ao Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES, que agradeceu a confiança dada a sua pessoa para dirigir os destinos de tão conceituada agremiação, anunciando que durante sua gestão seria realizado na cidade do Rio de Janeiro o II Congresso Brasileiro de Geografia, para o que contava com a colaboração de todos os ibgeanos, já que tal realização necessitaria do apoio e trabalho de todos. Findas suas palavras, foi encerrada a sessão e convidados todos os presentes para o encerramento solene da Assembléia às 16 horas.

Na sessão solene de encerramento usaram da palavra os geógrafos ORLANDO VALVERDE que saudou a nova diretoria e apresentou cumprimentos de felicitações pelo êxito alcançado pela XIX Assembléia, e o Prof. LÚCIO DE CASTRO SOARES que tomando a direção para o novo período administrativo prometeu tudo fazer para o bem da AGB e pela realização do futuro congresso de geógrafos em 1965.

Professor Victor Volsky

Em 18 de novembro do corrente, no auditório do IBGE, em reunião presidida pelo engenheiro RENÊ DE MATOS, secretário-geral do Conselho Nacional de Geografia, teve lugar a conferência do professor VICTOR VOLSKY, da Universidade de Moscou, onde foram abordados os seguintes tópicos: 1) Perspectivas da explosão demográfica do mundo no ano 2 000; 2) O problema alimentar das populações das faixas tro-

picas — perspectivas do futuro; 3) Atlas Nacional da União Soviética e 4) Diretrizes da industrialização dos países subdesenvolvidos.

Aliás o professor VICTOR VOLSKY já é nosso conhecido, pois há cerca de dois anos esteve no Brasil, e convidado pelo CNG proferiu excelente exposição sobre o tema: "O desenvolvimento do ensino da Geografia na Universidade de Moscou".

Nessa palestra, mostrou que havia 3 Universidades de Geografia na URSS e qual o critério de formação de geógrafos em cada uma delas, currículo,

estágios e, finalmente, o aproveitamento dos geógrafos no campo econômico, industrial e comercial.

Óleos alimentícios

A estiagem que se registrou em 1963 e atingiu os primeiros meses do corrente ano é apontada como causa das reduzidas safras de algodão, milho, amendoim e soja, quatro dos principais vegetais dos quais se extraem óleos alimentícios.

Conforme estudos elaborados pelo Sindicato da Indústria de Azeite e Óleos Alimentícios do estado de São Paulo, as safras do Nordeste, mesmo que venham a ultrapassar as expectativas, não serão suficientes para contrabalançar a queda sofrida nas regiões central e sulina do nosso país.

ÓLEO DE SOJA

No ano de 1962, como nos dois imediatamente anteriores, não ocorreu importação ou exportação de óleos de milho, soja e amendoim. De outro lado, no mesmo exercício, o óleo de caroço de algodão alcançou a exportação de 62 toneladas e importação de 1360 toneladas, dando um total de 1268 toneladas de compras no exterior, o que se pode interpretar como um incremento no consumo. Quanto a este, estima-se, com bases nos dados de 1960-1961, um aumento na base de 25 a 30 por cento ao ano. Para tanto contribuem o avanço do emprêgo de óleo de soja, que tem sido o mais dinâmico — sendo que nos Estados Unidos é o de maior procura — o óleo de algodão, amendoim, es-

pecialmente este último, considerado substituto do de oliva; o de milho tem grande aceitação além de certas misturas de óleos melhorando o paladar, têm tido boa demanda no mercado.

EXPANSÃO

Os exercícios de 1961-1962 assinalaram sensível expansão da produção de óleos alimentícios de origem vegetal. Os de importância básica na alimentação do país; acusaram em 1962, segundo o IBGE, 258 851 toneladas. Os óleos e gorduras de côco alcançaram 68 231 toneladas, dos quais grande quantidade se destina a fins industriais. O setor vegetal, no cômputo geral, mostrou-se extremamente dinâmico, crescendo o número de novos produtores. Em 1963, apareceram oito novas companhias no setor de óleos e gorduras, com um total de capital investido da ordem de 382 milhões de cruzeiros. No mesmo ano, 46 companhias do ramo tiveram aumentos de capital, que totalizaram Cr\$ 2 899 844 000,00. Também qualitativamente se verificou uma tendência para melhor, esmerando-se os produtores em composições de toda a espécie, tendo em conta o paladar, o valor nutritivo e a total eliminação de resíduos. A evolução da produção de 1959 a 1962 foi a seguinte:

PRODUÇÃO DE ÓLEOS VEGETAIS — (Em toneladas)

ANOS	Algodão	Amen- doim	Soja	Milho	Total
1959	81 679	69 472	12 922	4 148	171 221
1960	92 345	63 183	16 632	3 025	175 185
1961	116 220	91 808	21 495	6 460	236 022
1962	133 503	60 342	26 300	4 234	254 386

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DA PRODUÇÃO DE ÓLEOS ALIMENTÍCIOS — 1962

ESTADO	De caroço de algodão	Amen- doim	Milho	Soja
Ceará	17	—	—	—
Paraíba	12	—	—	—
São Paulo	48	98	94	—
Rio Grande do Sul	—	—	—	92
Outros	23	2	6	8
Brasil (%)	100	100	100	100
Brasil (t)	133 503	60 342	4 234	26 300

GORDURAS ANIMAIS

Quanto à produção de óleos vegetais em relação às gorduras animais,